

Inveja na triangularidade: Ciúme, precursor da Inveja?

Envy in the triangularity: Jealousy,
predecessor of Envy?

Cecília Noemí Morelli Ferreira de Camargo

Resumo:

O texto faz uma observação sobre a presença do tema da inveja na cultura universal. Além disso, há uma reflexão sobre as fontes e origens da inveja, diversificando e ampliando a proposta anterior da linha inglesa de pensamento, ao relacioná-la ao ciúme, propondo que este possa surgir concomitantemente ou mesmo antes que a inveja.

Palavras-chave:

Inveja; Ciúme; Origens; Desencadeadores.

Abstract:

The text makes an observation about the presence of the theme of envy in the universal culture. In addition, there is a reflection on the sources and origins of envy, diversifying and broadening the previous proposal of the English line of thought, by relating it to jealousy, proposing that it may arise concomitantly or even before envy.

Keywords:

Envy; Jealousy; Origins; Triggers.

ILUSTRAM O INÍCIO da apresentação deste texto imagens do filme *Amadeus*¹.

Este texto foi escrito como homenagem à Melanie Klein, na comemoração dos sessenta anos da publicação de *Inveja e Gratidão*: tema controverso, universal e disseminado na cultura. Esta comemoração recoloca em destaque a antiguidade do tema, que aparece já nas histórias do universo que fazem parte da cultura, referido mesmo antes da existência do ser humano ².

Encontrei no texto “Olhos de Caim” ideias que expressam meu pensamento:

Uma das paixões mais características da natureza humana está presente na literatura, nos contos, nos mitos, nas narrações, nos aforismos, no folclore, na cultura popular e, dada a sua relevância, foi tratada por diferentes pensadores ao longo da história. Dentre eles, podemos citar: Aristóteles (384-322 a.C.), Ovídio (43-17? a.C.), Francis Bacon (1561-1626), Freud (1856-1939), Melanie Klein (1882-1960), Lacan (1901-1981) e muitos outros. (FIGUEIREDO; FERREIRA, 2008, p.181)

Quero lembrar que, ao me referir à longevidade e à amplitude da presença dos relatos sobre inveja, aponto para o fato de que estas são indicativas de uma ‘essencialidade’ intrínseca à inveja, uma inerência ao humano, e dele indissociável, anterior a qualquer ocorrência de frustração ou falta na vida de seu portador (FIGUEIREDO; FERREIRA, 2008).

Assim, assumo que tal como Melanie Klein, entendo a inveja como a representante direta da pulsão de morte, com alta potencialidade destrutiva, e todas as implicações daí decorrentes.

Mesmo que se pense que a inveja só pode aparecer com a primeira vivência de falta, seria possível relacioná-la ao desamparo desse ser vivente que seria disparado no nascimento, primeira vivência de falta e de separação.

Não nos esqueçamos de que a atribuição de inveja até a seres ‘sobre-humanos’, anjos, por exemplo, é feita em relatos construídos por seres humanos: ou seja, o relato refere-se a fantasias de seres humanos, tentando explicar e fazendo teorias sobre questões humanas; ênfase o fato de que

1 Cenas do filme AMADEUS - Uma história verdadeira, apresentadas no evento MELANIE KLEIN - Inveja e Gratidão - 60 anos: “Even now, now, very now...”, realizado no Instituto Sedes Sapientiae em 21/9/2017. De 00:31 a 02:30min.

2 Texto apresentado no evento MELANIE KLEIN - Inveja e Gratidão - 60 anos: Even now, now, very now..., realizado no Instituto Sedes Sapientiae em 21/9/2017.

sua criação é feita pelo próprio ser humano que vive sua presença no âmago de seu ser. Acrescento que tal como no contato com o material clínico da sessão de psicanálise não estamos preocupados com a veracidade dos fatos relatados nos conteúdos manifestos de nossos pacientes, mas com o que pode ser revelado de verdadeiramente profundo sobre conteúdos latentes, pelos conteúdos manifestos.

A meu ver, esta onipresença corrobora a hipótese de que desde sempre o homem teve grandes dificuldades para lidar com a dependência que noticia sua fragilidade e que a fantasia de algum ‘bem’ incondicional pertencendo a qualquer outro de quem o eu dependa é imensamente ameaçadora à sua própria existência e, assim, insuportável: neste mundo mental em constituição, o ser humano teria de saída, que lidar com a inveja primária em relação a um seio que o alimenta. Ádua tarefa... E daí decorrem infundáveis desdobramentos. Ter-se-ia que perguntar que ocorrência ou que elemento tornaria sua presença tão marcada e por que tão forte em algumas pessoas e, elaborável, administrável, em outras?

A intensidade inicial de sua essencialidade? Eventos que agudizariam a percepção do desamparo e ‘acordariam’ intensificando a tal essencialidade, sem, no entanto, terem sido seus geradores ou disparadores diretos? E, quais seriam estes?

E, o que pode propiciar sua elaboração? Se, tal como afirma Melanie Klein (1991) é o firme estabelecimento do bom objeto no núcleo do ego, que permite o avanço no desenvolvimento afetivo do bebê, o que precisa acontecer que permita esse estabelecimento, mesmo (e talvez principalmente), na presença da tal essencialidade adversa? Que condições seriam necessárias para que se tornasse possível tal estabelecimento? Seria bom lembrar que: existe o que o sujeito diz, existe o que o objeto ouve e existe o que ele pode e vai fazer com o que foi dito, quer dizer, há um sujeito e a relação entre ele e o objeto.

Pensar que, se é que a inveja surge a partir da primeira falta, independentemente de ser sua origem a pulsão de morte, poderia levar-nos à conjectura de que uma vivência de não falta, evitaria seu aparecimento. Mas, além de impossível, a ausência de falta seria também mortífera. Assim, quer seja a inveja entendida como representante direto da pulsão de morte, quer como decorrente apenas da forma como foi vivida a experiência de falta, sua presença traz grandes transtornos para o desenvolvimento do bebê.

A etimologia da palavra inveja, formada pelos étimos latinos ‘in’ (dentro de) + ‘videre’ (olhar), indicam que esse sentimento alude a um olhar que penetra no outro humano. Essa alusão acabou por se desdobrar em várias expressões populares, como mau olhado, olho grande, olhar de seca pimen-

teira, entre outras. Outra origem etimológica possível é o prefixo ‘in’ designando uma negativa, uma exclusão, de modo que in + videre pode significar a inveja daquele que se recusa a ver e reconhecer as diferenças entre ele e o outro, uma vez que esse outro possui ‘bens’ de que ele necessita.

O desejo é substituído por uma ânsia de que o outro não os tenha, já que esta posse é vivida como uma ameaça e a inveja seria, então, uma forma de cegueira.

Marco sua presença em alguns elementos da cultura. É interessante notar como em tempos em que há uma tecnologia bastante avançada, sejam encontrados tantos sites da internet com títulos como: *Como Lúcifer foi expulso do paraíso e transformado em Satanás?* Ou, *Nem sempre o capeta foi do mal*. A existência paralela de dois elementos tão opostos como o avanço da tecnologia, de um lado, e, de outro, a permanência de crenças em anjos e demônios, nos faz lembrar de Freud quando aponta a forte relação do homem com o animismo, mas também, de certo modo, de uma ‘libertação’ do mesmo. (FREUD, 1996)

Alguns desses artigos contam que no segundo dia da criação, Deus teria criado o céu e nesse mesmo dia teriam surgido os anjos. Um deles, que impressionava por sua beleza, seria Lúcifer.

Lúcifer seria um belíssimo anjo que teria pecado e por isso teria acabado por ser expulso do céu. O pecado de Lúcifer teria sido deixar sua beleza e alta posição na hierarquia celeste lhe dominarem a razão, recusando um pedido de Deus de louvar a nova criatura, o homem, feito à imagem e semelhança divinas. Lúcifer consideraria o ser humano inferior – afinal, ele teria sido criado antes. (LIMA, 2017)

Orgulhoso, teria decidido construir seu trono acima do de Deus. Para enfrentar a batalha pelo paraíso, ter-se-ia transformado num terrível dragão. O lado fiel a Deus, o do bem, teria sido comandado pelo arcanjo Miguel, representado com um escudo com a frase latina “*Quis ut Deus?*” (“Quem é como Deus?”), pergunta que teria sido feita por Miguel a Lúcifer.

O exército dos rebeldes não teria sido suficiente para vencer as hostes celestiais e os perdedores teriam sido enviados para o inferno onde deveriam arder no fogo por toda a eternidade. Lúcifer teria pago um preço maior: teria sido transformado em Satanás e jurado vingança, prometendo destruir a raça humana. Como teria mantido seu poder angelical de mudar de aparência, disfarçar-se-ia de serpente para se insinuar no Jardim do Éden, onde teria convencido Eva a provar e dividir com Adão o fruto da árvore da vida, causando a expulsão do casal.

Qual teria sido o grande motivo disparador de tão grave punição?

A expulsão de Lúcifer está relacionada à atitude de questionar o poder divino do criador que, estabelecido, deve ser acatado e não questionado. Po-

der-se-ia conjecturar que a não obediência absoluta é o sinal da existência de outro ser pensante, o que ameaçaria a plenitude desejada e suposta. E, ainda, que a existência de outro ser pensante introduz a relatividade que, por sua vez, conduz ao terreno da falibilidade insuportável. Onde está o ‘pecado’? Em quem questiona, pensa e com isso revela a existência da autonomia ou em quem não suporta ser questionado, nem, não cegamente acatado? E, o que dispara tal situação?

A mim, é importante sublinhar a existência desse fenômeno no âmago da cultura, expressando uma dor que é aguda no invejoso: dor de ter que viver presenciando a existência do ‘bem’ como fazendo parte do outro de quem precisa receber; mais ainda, não podendo sentir esse ‘bem’ como intrínseco à sua própria existência, mas sim a do outro de quem depende.

Lembro-me de referências bíblicas onde aparece a mesma lógica: Caim e Abel; Esaú e Jacó, José e seus irmãos; a parábola do filho pródigo da qual existe representação em pintura de Rembrandt.

Ainda no texto “Olhos de Caim” (FIGUEIREDO; FERREIRA, 2008), encontramos referências a Aristóteles (em 4 a.C.) que, na *Retórica*, trata a inveja como uma das catorze paixões que caracterizam a alma humana. Ovídio (43 a.C.), em *Metamorfoses*, diz:

A inveja habita no fundo de um vale onde jamais se vê o sol. Nenhum vento o atravessa; ali reinam a tristeza e o frio, jamais se acende o fogo, há sempre trevas espessas [...]. A palidez cobre seu rosto e seu corpo é descarnado, o olhar não se fixa em parte alguma. Tem os dentes manchados de tártaro, o seio esverdeado pela bile, a língua úmida de veneno. Ela ignora o sorriso, salvo aquele que é excitado pela visão da dor [...]. Assiste com despeito o sucesso dos homens e esse espetáculo a corrói; ao dilacerar os outros, ela se dilacera a si mesma, e este é seu suplício.

São Tomás de Aquino define a inveja como tristeza pelo bem alheio, o que a diferencia da cobiça ou voracidade, que é querer o que o outro é ou tem; na inveja há lamento e dor pela felicidade do outro e exultação por sua desgraça. (Informação verbal) ³

3 Palestra O pecado envergonhado. Citação de Tomás de Aquino, em 03:54min.

Citando mais alguns, na Literatura universal encontramos na *Divina Comédia*, de Dante Alighieri:

[...] o Purgatório é representado por uma montanha com sete andares antes de chegar ao Céu e onde os sete pecados capitais são hierarquizados por ordem de gravidade; a inveja é colocada no segundo terraço mais próximo do Inferno, acima apenas do orgulho. No texto, lê-se que os invejosos têm os olhos costurados com arame, já que olharam tanto para os outros e, por isso, estão condenados a não ver mais nada até purgarem seu pecado. (Informação verbal) ⁴

Camões (1990) diz que: “Onde há inveja, não há amizade.”

William Shakespeare (2017), em *Otelo*, renunciou muito do que hoje estudamos e sabemos sobre a inveja.

Na literatura brasileira, em Machado de Assis, que foi um grande leitor de Shakespeare, particularmente de *Otelo*, *Hamlet* e *Macbeth*, pode ser encontrada, direta ou indiretamente, sua presença mais particularmente no romance *Dom Casmurro*.

Ainda no campo das artes, citamos a história de Mozart, que segundo o que é contado no filme *Amadeus*, foi admirado, invejado e perseguido pelo também músico Salieri ⁵.

Ficam demonstradas com estas indicações de manifestações da cultura, a amplitude, a profundidade e a complexidade da existência deste sentimento na natureza humana.

Em algumas delas, fica mais clara a presença do terceiro elemento. Este fato é importante para o propósito de discutir a questão da relação da inveja com a triangularidade, num desdobramento do pensamento de Melanie Klein, quando estabelece relações e diferenças entre ciúmes, inveja e voracidade, em *Inveja e Gratidão* (1991).

Saindo dos aspectos histórico-culturais do conceito que mostram sua intrigante ubiquidade, volto-me para a relação entre ciúmes e inveja em artigos de outros autores.

4 Idem. Imagem da montanha dos Sete Pecados Capitais, em 05:28min.

5 Cenas do filme AMADEUS - Uma história verdadeira, apresentadas no evento MELANIE KLEIN - Inveja e Gratidão - 60 anos: “Even now, now, very now...”, realizado no Instituto Sedes Sapientiae, em 21/9/2017, em 26:04 a 36:40min.

Betty Joseph (1992), em *A inveja na vida cotidiana*, confirma a presença disseminada da inveja e afirma que é curioso notar que, apesar de sua ubiquidade, o fenômeno até recentemente era pouco presente na literatura psicanalítica. Diz que Freud se refere à inveja do pênis e não se dedica mais longamente ao assunto. Salieta que apenas após a publicação de *Inveja e Gratidão* é que o tema passou a ter a notoriedade que lhe cabe. Por outro lado, aponta que o ciúme é tema mais presente na literatura psicanalítica.

Diz que:

[...] ciúme refere-se a relacionamento que envolve três pessoas: sente-se ciúme porque alguém a quem se ama, ou a quem se está ligado, demonstra mais interesse ou afeição por outrem. Mas, de modo geral, isso é considerado normal, penso que porque o ciúme está baseado em amor, ou afeição por uma pessoa (...). Mas, com a inveja o quadro é diferente: ela envolve basicamente duas pessoas e inveja-se o que a outra pessoa possui, ou suas capacidades, conquistas, qualidades pessoais, etc. A inveja envolve, em maior ou menor grau, uma qualidade espoliadora, ou pelo menos, hostilidade para com as boas capacidades da outra pessoa. (JOSEPH, 1992, p.186)

Priscilla Roth (2008, p.1), na introdução do livro *Inveja e Gratidão revisitadas*, aponta que:

É impossível entender a discussão de Melanie Klein sobre o poder destrutivo da inveja separadamente de sua crença de que sua perniciosidade está precisamente em sua interferência fundamental no estabelecimento do bom e amado objeto dentro do ego – a fundação para esperança, confiança e fé na bondade.

Proponho-me a refletir sobre a proposta de Ignês Sodré (2008) em *Even now, now, very now...*. Para isto preciso voltar-me para o início da vida do bebê e perguntar o que teria desencadeado tão sérias consequências: - agravando uma dotação desfavorável ou – ocasionando, mesmo, as graves perturbações no desenvolvimento. Melanie Klein refere-se à inveja como uma experiên-

cia dual, diferenciando-a do ciúme. Ela descreveu também as fantasias do bebê sobre os pais combinados em uma relação sexual contínua e satisfatória -oral, anal e genitalmente falando. Em *Inveja e Gratidão* (1991), ela fala da inveja como despertando durante os mais precoces estágios do complexo de Édipo precoce, que inclui fantasias sobre o seio da mãe e sobre a mãe contendo o pênis do pai.

Melanie Klein diferencia o que ela chama de inveja primária de outras formas de inveja subsequentes: inveja primária (a do seio materno) fica como um protótipo e persiste, prossegue e se amplia atingindo um espectro muito maior que ultrapassa os relacionamentos com o pai, com o interior materno, indo além das capacidades de gerar bebês e de amamentá-los; aqui nos permitimos pensar que chegando aos relacionamentos interpessoais em geral.

A proposta de Ignês Sodré parece estar apoiada nesta ideia de Melanie Klein: e penso que é como se na dualidade própria do sentimento de inveja houvesse um desdobramento, uma vivência de triangularidade, que propicia, assim, uma nova organização das ideias sobre a relação da inveja com o ciúme.

A ideia de triangularidade na experiência de inveja nasce da proposta de que a mesma surge no momento da diferenciação, no momento em que a separação sujeito/objeto é percebida. Nestes momentos em que ocorre esta percepção surge a fantasia, a crença de que o ‘bem’ necessitado está sendo dado a ‘outro’, um terceiro, mesmo se este terceiro for apenas a percepção de outros aspectos do próprio self (ou do objeto). É como se uma parte do sujeito (a que não está sendo alimentada) sentisse inveja/ciúme de outra parte de si mesmo (a fantasiada a partir da vivência do estado transitório de não falta, quando estava sendo alimentada).

Sodré descreve este momento como um movimento da crença “o seio é a bondade” incluindo “e o seio sou eu”, para um quadro estático, no qual “o seio tem a bondade” incluindo “e eu não o tenho, já que o seio não sou eu”.

Esta triangularidade ou presença do terceiro (que estaria recebendo o que faz falta nesse momento) contém as sementes do que será o complexo de Édipo já desenvolvido; em sua aparição mais primitiva se relaciona a fantasias de satisfações orais, anais e genitais vividas na dupla seio/bebê.

Sodré coloca as raízes deste processo na precoce relação de alimentação mãe/bebê, na qual em momentos de separação, a criança observa/ relembra de si mesma ao seio e percebe a alimentação da ‘criança ela mesma’, como a de um outro.

Podemos supor, então, que experiências de frustração na relação com o seio, incrementariam o surgimento das fantasias da relação prazerosa do seio com o outro com quem o ‘bem’ estaria sendo compartilhado.

Ela escreve: “amor como leite é algo fluido que flui de uma pessoa para outra, formando um elo vivo entre os dois” (SODRÉ, 2008, p.13). É este elo que parece insuportável à criança excluída e observadora, o bebê não sugando feliz, agora um terceiro invejoso.

Esta ‘triangularidade’ fantasiada poderia ser pensada como decorrente de fantasias que o bebê produz ao entrar em contato com qualquer falta? Então, teríamos um bebê cujo quantum de pulsão de morte o leva a fantasiar a mãe compartilhando o ‘bem’ com um terceiro fantasiado, o duplo insatisfeito dele mesmo.

Pensamos que, dito de outro modo, uma vivência inicial não satisfatória com o seio ocasionaria a presença de fantasias de ‘exclusão’ que, neste momento tão precoce, são insuportáveis para esse bebê e incidem em seu desenvolvimento permitindo que ele possa apenas atacar o bem e destruir o paraíso, já que sente não fazer parte dele.

Então, a inveja não permite que o sujeito invejoso receba algo, pois isso seria vivido como perigosamente ameaçador, já que o ‘bem’ é do outro.

Aprofundando a relação entre os dois artigos, percebemos que os elementos que os compõem estão diferentemente combinados; destaco esta combinação:

A presença do amor referido ao ciúme na reflexão de Betty Joseph desaparece no que tange à inveja. Mas, o que teria ocorrido? Pensando na proposta de Ignês Sodré de que o sentimento de exclusão (ou não pertencimento) da ‘triangularidade’ do casal parental (como no ciúme) traria funestas consequências para o sujeito levando-o não ao desejo de estar incluído, mas a desfechar ataques extremamente violentos quer seja ao possuidor do bem, quer a quem usufrui dele ou, ainda, em última instância ao ‘bem’ em si mesmo.

Lembremos que na tradição bíblica, o paraíso é extinto e priva todos os seres humanos de sua fruição.

A suposta triangularidade, então, não se refere à triangularidade do momento mais avançado do desenvolvimento, aquele que ocorre na posição depressiva, na vivência da conflitiva edípica primitiva, mas, à situação que apresenta as mesmas peculiaridades do superego primitivo que são mantidas no invejoso, tal como bem exemplificado no personagem Iago.

Tem-se, então, um sentimento de ódio (elemento da inveja) em uma situação de ciúme, que nesta proposta é decorrente de fantasias e de experiências não bem sucedidas com o seio.

Refiro-me agora ao artigo sobre o ciúme de Joan Rivière, quer dizer, antes da publicação de *Inveja e Gratidão*. É interessante notar que muitas das características atribuídas à inveja aparecem em sua reflexão sobre uma paciente, cujos sintomas incluíam intenso ciúme. Nestas características, estão

as atitudes espoliadoras e a impossibilidade de receber qualquer coisa do outro, características inerentes à inveja. A autora apresenta, também, uma reflexão sobre a relação da inveja com o ciúme e se refere à triangularidade, mas o faz de forma a mostrar não estar falando da triangularidade edípica. Vejamos:

Na identificação precoce com o seio da mãe está o caráter narcisista da fantasia. (...) Mas, a mãe era ela mesma, um objeto duplo consistindo de duas partes: ela própria e suas posses: o pai, ou seu pênis (...) era uma de suas posses, das quais ela deveria ser roubada. As posses da mãe consistiam de seus seios, do leite e o conteúdo de seu corpo: fezes, crianças e o pênis do pai; de tudo isso, ela devia ser despojada. (...) a origem dessa fantasia é na fase oral erótica e oral sádica do desenvolvimento (...). Minha descrição mostrará sua derivação também da fase sádica de atacar os conteúdos do corpo da mãe. Homens não eram pessoas reais ou objetos totais para o inconsciente da paciente. Eram apenas o pênis ou possuidores de pênis. Mulheres eram objetos parciais, apreendidas como divisíveis em objetos parciais. Sem dúvida, a medida da verdadeira genitalização tinha sido conquistada; mas, o que eu quero comentar nesta situação ‘triangular’ que deve expressar o peso do objeto de amor é que esta deve estar enraizada no narcisismo. Ciúme e infidelidade podem ter suas fundações nos impulsos sádico-orais. E, em pessoas cuja composição física incluía ciúme ou infidelidade como padrão, minha conclusão é que a ‘perda do amor’ ou a ‘busca do amor’ se refere a algo mais profundo do que uma relação genital com o pai ou a mãe desejados. (RIVIERE, 1932, p.7)⁶

Vemos assim que a autora se refere a processos e fenômenos muito iniciais que, em sua proposta, teriam ocorrido antes da vivência da conflitiva edípica.

6 Tradução livre do original “Jealousy as a Mechanism of Defence”.

Joan Rivière também apresenta uma relação entre ciúme e inveja e no mesmo artigo diz:

Gostaria de mencionar a confusão comum entre as palavras 'inveja' e 'ciúme' que encontra uma derivação bem precisa na experiência da cena oral primária na qual os dois sentimentos seriam indistinguíveis. Esta e só esta experiência fornece a base racional para o agudo e desesperado sentido de falta e perda, de intensa necessidade, de vazio e desolação sentidos pelo ciumento de um triângulo. (...) Minha descrição das forças inconscientes atuando em toda situação física da paciente não faz justiça à parte desempenhada pela ansiedade e ação do superego precoce na formação de uma situação de fantasia tão dominante como a descrita. Tais impulsos erótico-orais e sádico-orais governam toda a vida psíquica. (...) Sem dúvida, um motivo principal desta fantasia-chave era o da vingança sobre a mãe por toda privação imposta à criança, de sua posse dos desejados prazeres com o seio (...). (1932, p.8)⁷

Estas reflexões de Ignês Sodré e Joan Rivière mostram pontos de confluência entre os fenômenos da inveja e do ciúme, que se imiscuem e acabam formando um terreno onde ocorre uma espécie de 'estancamento' no desenvolvimento tanto do superego que acaba por manter características primitivas extremas, como conseqüentemente, também no desenvolvimento afetivo, como um todo.

A reflexão sobre as ideias que estas autoras (Melanie Klein, Betty Joseph e Joan Rivière) propõem sobre a inveja e ciúme, reconduz à ideia da 'essencialidade' como característica da inveja, diferentemente do que acontece com a gratidão; embora o 'quantum' da essencialidade da inveja interfira na gratidão, esta pressupõe uma construção, um processo, um trabalho. Se na inveja a existência do 'bem' no outro é insuportável, na gratidão, o reconhecimento da existência do outro de quem se recebe é aceito e bem-vindo. Para Melanie Klein, gratidão é "essencial na construção da relação com o bom objeto e (...) e na apreciação do 'bem' nos outros e em si mesmo, um

7 Tradução livre do original "Jealousy as a Mechanism of Defence".

‘mitigador’ do potencial da inveja” (SODRÉ, 2008, p.14). Klein vê a gratidão como o protetor dos sentimentos de amor, opondo-o à voracidade e a vê como direta e originariamente dirigida precisamente ao conteúdo do seio: o leite que acalma a fome. No entanto, não é apenas leite que traz gratificação, saciedade e sentimento de ausência de fome que constroem a gratidão. A gratificação de que depende o surgimento da gratidão é um sentimento muito mais complexo e depende de outras experiências sensoriais e emocionais como as do prazer e deleite de sentir o cheiro e o toque, de olhar e ser olhado e de ser abraçado com conforto e segurança. É do conjunto destas experiências que gradualmente nasce o que se conhece como amor. Se a voracidade pode ser entendida como se referindo a tomar todo o ‘bem’ de alguém, a gratificação se refere a uma experiência de proximidade e intimidade. Apenas estas experiências de gratificação podem levar à gratidão.

Estas afirmações de Klein mostram que estas vivências ocultam uma complexidade difícil de ser realizada. Isto depende da possibilidade de suportar o conhecimento da existência não só do outro, mas, principalmente, do ‘bem’ necessário à sobrevivência, pertencendo a outro e não a si próprio. É neste momento, onde o ódio do objeto, porque ele é outro, porque ele é ‘não eu’, que aparece a gratidão como um mitigador deste ódio e protetor dos sentimentos de amor. (SODRÉ, 2008, p.16)⁸

Isto talvez indique as razões pelas quais a gratidão é mais rara que a inveja. Ela depende, repito, de um árduo trabalho de construção: ‘depende do reconhecimento e do desfrute do fato de que algo muito bom foi recebido como um presente. (SODRÉ, 2008, p.16)⁹ Então, más experiências com o seio certamente acarretariam dificuldade de sentir gratidão. Mas, também, experiências boas poderiam levar a este desfecho, uma vez que o bebê poderia não ser capaz de admitir o pertencimento do ‘bem’ ao outro, o que é, de algum modo, negar sua existência, referindo a posse do bem ao próprio self; estas vivências potencialmente inviabilizam a gratidão e também os processos de pensar como tão bem teorizou Bion.

Retomando a proposta de Melanie Klein sobre a importância crucial do firme estabelecimento do bom objeto no núcleo do ego, vê-se que, embora sendo a pedra fundamental do desenvolvimento emocional saudável, é um processo assustadoramente complexo e de difícil realização.

Talvez, a estória do paraíso perdido se refira à forma que o homem encontrou de relatar a impossibilidade humana de ter todo o ‘bem’, de viver

8 Tradução livre do original “Jealousy as a Mechanism of Defence”.

9 Tradução livre do original “Jealousy as a Mechanism of Defence”.

sem ser tão ameaçado pelo que lhe falta e de, assim, ter que aprender a viver fora do paraíso sonhado... e perdido.

Esta talvez seja a saga da qual não pode escapar... Desejando não se sentir ameaçado, sonha com seres plenos dos quais, no entanto, não sente que faz parte. Fantasia algo muito malévolos que o priva deste pertencimento. E, esse 'algo' precisa ser castigado por este pecado imperdoável, tendo a existência negada e extinta. Ao apropriar-se daquilo que lhe falta, como se sempre tivesse lhe pertencido, condena-se a viver na mais absoluta solidão e isolamento...

Sob a pena de ter de reconhecer a quase insuportável e amarga falibilidade, não a enfrenta e não desfruta do banquete que a vida é.

Aos que tiverem podido viver a ideia de ter recebido 'o bem', podendo guardar em si mesmos o doce sabor do presente sonhado e recebido, será possível sentir gratidão pelo 'algo' que lhe foi presenteado, compartilhando com ele o néctar da vida.

Aos que não tiverem podido libertar-se do ciúme daquele que invejam por possuírem o que lhes falta, sem perceberem o que recebem, restará o vazio.

Sendo a gratidão o sentir reconhecimento por ter recebido a doçura do essencial para a vida, e, implicando a inveja o não poder receber, o invejoso está fadado a viver no amargor da impossibilidade de se sentir grato a quem supõe estar compartilhando o 'bem' com o outro.

REFERÊNCIAS

AMADEUS. Direção de Milos Forman. Produção de Saul Z. Intérpretes: Tom H. Roteiro: Peter Shaffer. Música: Neville Marriner. Estados Unidos: Warner Bros, 1985. 1 (180 min.), DVD, son., color. Legendado.

CAMÕES, L. *Lírica-épica-teatro-cartas*. São Paulo: Moderna, 1990. 200 p.

FIGUEIREDO, M. F.; FERREIRA, L. A. Olhos de Caim. *Coleção Mestrado em Linguística*, Franca, v. 3, p.181-197, 2008. Anual. Disponível em: <<http://publicacoes.unifran.br/index.php/colecaoMestradoEmLinguistica/article/view-File/417/344>>. Acesso em: 30 jun. 2018.

FREUD, S. *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JOSEPH, B. A inveja na vida cotidiana. In: JOSEPH, B. *Equilíbrio psíquico e mudança psíquica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 185-194.

KLEIN, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. 398p.

LIMA, C. C. *Como Lúcifer foi expulso do paraíso e transformado em Satanás*. 2017. Disponível em: <<https://mundoestranho.abril.com.br/curiosidades/como-lucifer-foi-expulso-do-paraíso-e-transformado-em-satanas/>>. Acesso em: 02 jul. 2018.

O PECADO ENVERGONHADO: *a inveja*. Produção de Cpf. Realização de TV Cultura. [s.l], 2017. (50 min.), son., color. Série Sete prazeres capitais – pecados e virtudes hoje. Citação de Tomás de Aquino. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eGBSgFcfgY>. Acesso em: 02 jul. 2018.

RIVIERE, J. Jealousy as a Mechanism of Defence. *International Journal of Psycho-analysis*, [s.l], v. 13, p.414-424, 1932.

SHAKEASPEARE, W. *Otelo*. Porto Alegre: L&pm, 2017. 176 p.

SODRÉ, I. Even now, now, very now ...: On envy and the hatred of love. In:

ROTH, P.; LEMMA, A. (Org.). *Envy and gratitude revisited*. Londres: Karnac, 2008. p. 14-18.